

AS REPRESENTAÇÕES DA SELEÇÃO BRASILEIRA DE HANDEBOL NOS JOGOS OLÍMPICOS (2000-2016): UMA ANÁLISE A PARTIR DOS JORNAIS *FOLHA DE SÃO PAULO, O GLOBO E O ESTADO DE S. PAULO*

Suelen de Souza Andres¹

Resumo: Este texto tem como objetivo analisar as representações da Seleção Brasileira de Handebol nos periódicos *Folha de São Paulo, O Globo* e *O Estado de S. Paulo* durante sua participação nos Jogos Olímpicos (2000-2016). O método de coleta e organização do material empírico foi realizado com base em análise de conteúdo. Foram analisadas 86 matérias. Reflete-se, entre outras observações, que as representações construídas sobre a seleção foram se modificando e resignificando conforme a equipe ia se desenvolvendo.

Palavras-chave: Handebol. Representações. Jogos Olímpicos. Mídia impressa.

The Representations of the Brazilian Handball Selection at the Olympic Games (2000-2016): An Analysis from the Newspapers *Folha de São Paulo, O Globo* and *O Estado de S. Paulo*

Abstract: This text aims to analyze the representations of the Brazilian Handball Team in the periodicals *Folha de São Paulo, O Globo* and *O Estado de S. Paulo* during its participation in the Olympic Games (2000-2016). The method of collecting and organizing the empirical material was based on content analysis. 86 articles were analyzed. It is reflected, among other observations, that the representations constructed about the selection were modified and given new meanings as the team developed.

Keywords: Handball. Representations. Olympic Games. Print.

Os Jogos Olímpicos configuram-se o maior evento esportivo do mundo, e sua alta visibilidade proliferada pelos mais diferentes artefatos midiáticos é incontestável. A reflexão acerca das influências que a mídia exerce sobre as diferentes modalidades e seus sujeitos, assim como as percepções e representações que dela emergem têm sido objeto de estudos de inúmeras/os estudiosas/os que procuram compreender e analisar as mudanças históricas, sociais, econômicas e políticas relacionadas aos distintos esportes e também entre os gêneros (MOURÃO; MOREL, 2005; ROMERO *et al.*, 2014; AMARO,

¹ Prefeitura Municipal de Timóteo; UNILESTE - MG. Email: suby.andres@gmail.com

2014a; 2014b; GABRIEL, 2015; SALVINI; MARCHI JUNIOR, 2016; SAINT'CLAIR, 2018).

Considerando a relevância desse megaevento, a escolha de analisar os Jogos Olímpicos se deu em função da sua representatividade em termos de publicidade, divulgação e visibilidade global no campo esportivo (BOURDIEU, 1997). Esses elementos conferem às modalidades que integram sua programação uma “lente de aumento”, que em grande medida culmina na ampliação da cobertura midiática, como foi o caso do handebol (SAINT'CLAIR, 2018).

No que tange à participação do handebol brasileiro, sua entrada se deu primeiramente com os homens, nos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992, após a desistência da seleção cubana. Em 2000, a seleção de mulheres conquista a vaga para os Jogos Olímpicos de Sydney, após conquistar a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos de Winnipeg, que aconteceram em 1999. Desde sua estreia no evento, a seleção participou de todas as edições realizadas (Atenas, 2004; Pequim, 2008; Londres, 2012; Rio de Janeiro, 2016; Tóquio, 2021) e tem garantida sua participação na próxima edição a acontecer na França 2024.

A realização deste estudo justifica-se, primeiramente, pela ausência de pesquisas relacionadas à Seleção Brasileira de Handebol na mídia e por compreender a influência dos artefatos midiáticos na (re)produção de representações esportivas individuais e coletivas. Diante do exposto, este estudo tem como objetivo analisar as representações da Seleção Brasileira de Handebol nos periódicos *Folha de São Paulo* (Folha), *O Globo* (Globo) e *O Estado de São Paulo* (Estadão) durante sua participação nas edições dos Jogos Olímpicos realizadas entre 2000 e 2016.

Para a desenvolvimento deste estudo, elegi como fontes privilegiadas os jornais *Folha de São Paulo* (Caderno Especial dos Jogos Olímpicos), *O Globo* (Cadernos de Esportes) e *O Estado de São Paulo* (Caderno de Esportes). A escolha se deu por disponibilizarem seus acervos *on-line* e por terem sua ampla circulação nacional. O método de coleta e organização do material empírico foi realizado com base nos procedimentos descritos por Laurence Bardin (2011) na sua obra “Análise de Conteúdo”, assim definidos: a) A triagem do material empírico por meio da palavra-chave “handebol”, dentro do período que compreendia a realização dos Jogos Olímpicos; b) A criação de um banco de dados com o material empírico selecionado, dividido por jornal e edição de cada

evento; e c) A organização e categorização do material, seguido da sua análise à luz do referencial teórico elegido para a ancoragem do estudo.

Após vasculhar os jornais selecionados, identifiquei um total de 233 menções à seleção brasileira envolvendo todas as edições dos Jogos Olímpicos realizados entre 2000 e 2016.

Em um primeiro exercício analítico, realizei a identificação dos temas que figuravam nas reportagens no que respeita à forma como a seleção era mencionada. Emergiram cinco tópicos de registros, que assim classifiquei: 1) Chamadas e Resultado de jogo – assim nomeados quando a informação é apresentada junto à programação geral do evento; 2) Nota/notinhas – registro pequeno, muitas vezes, não passando de 15 linhas, descrevendo os principais fatos sobre determinado acontecimento; 3) Notícia – registro mais longo, normalmente acompanhado de foto e, assim como a nota, descreve os principais fatos sobre um determinado acontecimento; 4) Reportagem – traz elementos que ultrapassam a mera descrição dos fatos, como dados históricos e entrevistas com técnicos e jogadoras; e 5) Citação em nota, notícia ou reportagem para referir quando o assunto central não era a Seleção Brasileira de Handebol.

Ao longo das edições analisadas, é possível perceber que a cobertura dos jornais investigados se mostrou prioritariamente objetiva, havendo pouco espaço para narrativas pormenorizadas sobre a modalidade, a seleção e as atletas que dela fazem parte. Só para se ter uma ideia, 72,31% das menções à equipe brasileira no período pesquisado, restringem-se a chamadas e resultados de jogos e às notinhas, que basicamente informam data, hora, local/canal televisivo de transmissão da partida, equipes adversárias e resultado dos jogos. Outros 8,03% são referentes a citações em colunas ou reportagens, nas quais o assunto principal não é a equipe brasileira, restando, assim, 19,63% de notícias e reportagens que apresentam outros enfoques sobre a seleção. Destacam-se nesse quesito as reportagens publicadas sobre os Jogos de Londres (2012) e Jogos do Rio (2016), quando ocorre um aumento significativo de notícias e reportagens relatando com um pouco mais de profundidade a participação da seleção brasileira a partir de narrativas que abordam as histórias das jogadoras.

Após efetuar uma releitura desse material, foram selecionadas 86 matérias que julguei significativas para o propósito deste estudo, em especial, porque

traziam informações mais detalhadas e diversificadas sobre a participação da seleção nos Jogos.

Jogos Olímpicos de Sydney (2000)

A vigésima sétima edição dos Jogos Olímpicos ocorreu entre os dias 15 de setembro e 1º de outubro de 2000, na cidade de Sydney, Austrália, com a participação de 199 países, envolvendo 10.651 atletas (4.069 mulheres e 6.582 homens). Os Jogos de Sydney se dispuseram da maior cobertura midiática do século XX até o período de sua realização, contabilizando o credenciamento de 26.033 jornalistas (5.298 da imprensa escrita e 20.735 de rádio e televisão), cuja atuação promoveu uma ampla divulgação do evento para todo o mundo (AMARO, 2014a).

Ainda sobre a cobertura midiática, em específico a imprensa, Fausto Amaro (2014) sublinha que, a partir dos Jogos de Sydney, aspectos secundários passaram a ter um *locus* privilegiado enquanto fato noticiado, “algo como uma coluna de fofocas” (p. 481). Outro ponto destacado pelo autor foi uma crescente atenção à memória olímpica das participações nacionais e dos jogos em si, realizada por meio da rememoração dos fatos mais marcantes da modalidade detalhando, inclusive, informações acerca dos/as principais atletas.

Nessa edição do Jogos, a delegação brasileira contou com 205 atletas (94 mulheres e 111 homens), representando 27 esportes (SYDNEY-2000, 2000). Em razão do desempenho brasileiro nos Jogos de Atlanta (1996), havia uma grande expectativa e um certo otimismo por parte da imprensa em relação a Sydney. O discurso jornalístico nacional “transbordava confiança em medalhas, até mesmo nas provas em que não éramos favoritos” (AMARO, 2014b, p. 481).

É nesse contexto positivado, digamos assim, que a seleção de handebol fez sua estreia olímpica. Participavam dez países (Coreia do Sul, Hungria, França, Romênia e Angola representando o Grupo A e Austrália, Áustria, Brasil, Dinamarca e Noruega representando o Grupo B). Dos cinco integrantes de cada grupo, os quatro primeiros passavam para a fase seguinte, as quartas de final.

Antes mesmo de o Brasil entrar em quadra, o Estadão publicou uma reportagem intitulada “Handebol vence falta de estrutura”. Com um viés mais crítico que seus concorrentes na cobertura da seleção, Folha e Globo, a reportagem destacava:

HELENI FELIPPE

SYDNEY – Pela primeira vez em sua história, a seleção feminina de handebol pôde contar com infra-estrutura adequada para participar de um torneio internacional. A equipe teve direito a uniforme, hotel e passagens aéreas. Também recebeu apoio de uma comissão técnica bem preparada e teve a oportunidade de fazer amistosos para sair-se bem na primeira Olimpíada disputada pelo handebol feminino brasileiro.

Fonte: O Estado de S. Paulo - 16 de setembro de 2000 - p. 35

De modo sucinto, a reportagem evidenciou aspectos relacionados à estrutura ofertada à seleção para participar do maior evento esportivo do mundo. No entanto, a frase que a iniciava a matéria “Pela primeira vez em sua história [...]” (FELIPPE, 2000, p. 35) abria condição para o que se queria revelar: as condições da modalidade foram nacionalmente retratadas pelo autor da matéria, o jornalista Heleno Felipe, após entrevistar a goleira Chana Masson, da seguinte forma: “A goleira diz que, por falta de investimento, o handebol, um dos esportes mais praticados nas escolas do Brasil, não consegue encontrar espaço internacional. ‘Falta apoio’, resumo” (FELIPPE, 2000, p. 35).

Durante a cobertura sobre a participação da equipe, os elementos *estrutura* e *escola* foram frequentemente acionados para justificar os resultados do Brasil. Essa associação se justifica pela forma como a modalidade e a seleção em nosso país demonstram uma forte e dependente vinculação com instituições educacionais (ANDRES, 2014; CAMARGO, 2016; SAINT-CLAIR, 2018).

Em pesquisa anterior (ANDRES, 2014), evidencio como a trajetória esportiva das jogadoras ocorre majoritariamente dentro dessas instituições, desde seu início, nas aulas de educação física, nas equipes escolares e no momento de sua profissionalização, em que para defender uma equipe precisam estar matriculadas na faculdade que as financia. A manutenção de equipes por instituições de ensino superior não é uma exceção em nosso país, uma vez que boa parte dos times participantes do principal campeonato nacional da

modalidade, a Liga Nacional, possui convênios com alguma instituição educacional.

A primeira participação olímpica do Brasil aconteceu no dia 17 de setembro, às 5h30 (horário de Brasília) contra as donas da casa, a seleção da Austrália, com transmissão ao vivo pela ESPN Brasil (TABELÃO OLÍMPICO, 2000). Considerando o desempenho das outras equipes que integravam o grupo do Brasil, (Dinamarca, ouro olímpico em 1996; Noruega, campeã mundial em 1999; Áustria, prata olímpica em 1996 e bronze no mundial de 1999), a expectativa de um resultado positivo recaiu justamente no jogo inaugural contra a Austrália. Vejamos: “A seleção brasileira feminina de handebol, que estreia amanhã, às 5h30m (de Brasília), contra a Austrália, quer vencer o primeiro confronto, que praticamente asseguraria o time na próxima fase” (TIME TENTA..., 2000, p. D5).

A vitória por 32 a 19, sobre as australianas, foi retratada pelo jornal O Globo, que junto ao resultado da partida acrescentou: “Apesar da pressão da torcida, e de um início equilibrado, a equipe superou o nervosismo da estreia e, depois dos cinco minutos iniciais, esteve sempre à frente no placar” (BRASILEIRAS DERROTAM..., 2000, p. 16).

A notícia ainda exacerbava a vitória brasileira enfatizando que, naquele momento, a seleção assumia a liderança do grupo B. Na partida seguinte, contra a Áustria, o Brasil sofre sua primeira derrota nos Jogos, a qual foi noticiada pelo O Globo sob o título “**Meninas** do handebol sofrem primeira derrota – Áustria faz 45 a 26” (MENINAS DO HANDEBOL..., 2000, p. 10, grifo meu).

Chamo a atenção para a palavra “meninas” utilizadas para se referir às jogadoras da seleção. Primeiro porque ela só voltaria a ser usada novamente pelo jornal no ano de 2012 em uma reportagem denominada “As meninas do Brasil – As mulheres em grande dia”; segundo pelo significado que a expressão parece transmitir. Ao discorrer sobre o tema, Fausto Amaro enfatiza que o uso desse termo pela mídia impressa está embebido por um tom paternalista e protetor, e complementa expressando que “essa infantilização facilita uma identificação dos leitores, ainda que os atletas não fossem mais tão jovens assim” (AMARO, 2014a, p. 224). As reflexões do autor se assemelham ao tratamento anunciado pelo jornal, que se apresenta como uma forma de garantir a empatia das/es leitoras/es diante do insucesso da seleção.

Referir as mulheres atletas como meninas não é exclusividade do handebol. Essa ainda é uma forma recorrente de a mídia nominar atletas mulheres. Enquanto Marta Regina Garcia Cafeo (2019), ao analisar as representações discursivas veiculadas pelo O Globo sobre atletas olímpicas brasileiras e estrangeiras durante os Jogos Olímpicos do Rio, identificou esse tratamento com ginastas, Caroline Bortoleto Firmino (2014) percebeu a mesma nomenclatura na cobertura dos Jogos Olímpicos de Londres, com destaque para as modalidades mais noticiadas: o basquetebol e o voleibol.

No mesmo dia que O Globo publicou a matéria acima referida, o Estadão veiculou uma reportagem intitulada “Handebol quer mais divulgação”, na qual evidenciava a importância de transmitir os jogos ao vivo para a disseminação e consolidação da modalidade para além do contexto escolar. Diferentes autores/as têm analisado, em várias modalidades esportivas, a relevância que a visibilidade midiática possui para atrair mais atletas, investimentos e estruturas mais qualificadas (BETTI, 1999; 2001; ROMERO *et al.*, 2014; MALULY; ROMÃO, 2015; SAINT’CLAIR, 2018, entre outros). Emerson Saint’Clair, por exemplo, ao analisar o handebol durante os Jogos Olímpicos do Rio, entende que:

A ação da mídia é relevante para o aumento do número de praticantes, de espectadores, de agentes e instituições interessadas em patrocinar o esporte. Os resultados e o aparecimento de heróis também contribuem imensamente para elevar o interesse na modalidade (SAINT’CLAIR, 2018, p. 16).

No entanto, para obter representação na mídia, de acordo com Gabriel (2015), é preciso conquistar títulos relevantes, em competições como o Campeonato Mundial ou os Jogos Olímpicos. Ciente dessa conjuntura, o então técnico da seleção, Digenal Cerqueira, em entrevista à matéria veiculada pelo Estadão sob o título “Handebol quer mais divulgação”, destacou que “ficar entre os quatro melhores do mundo seria o maior feito do nosso handebol” (BRESSAN, 2000, p. 29), sinalizando que esse resultado daria à modalidade mais espaço midiático.

Nessa mesma reportagem, diante das altas chances de o Brasil passar para a segunda fase do torneio, a narrativa voltou-se para os planos traçados pela seleção para os jogos seguintes, ainda da primeira fase, que seriam contra as equipes cotadas ao pódio: Áustria, Noruega e Dinamarca. Compreendendo que as chances de triunfo diante dessas equipes eram pequenas, o plano da comissão

técnica e das atletas era usar esses jogos como uma preparação para a próxima fase da competição, as quartas de final.

“estamos treinando contra equipes fortes para chegarmos bem no jogo do cruzamento”, explica a armadora Zezé, “se soubermos **assimilar as lições dessas partidas**, contra times de nível tão alto, vamos entrar bem melhor no jogo decisivo” acrescenta a armadora Meg [...]. O próximo “treino” será amanhã contra a Noruega, campeã mundial e medalha de ouro em Atlanta. Na segunda, a adversária será a Dinamarca, prata nas Olimpíadas. **“Se perdermos por pouco para esses times, estaremos prontos para chegar até a disputa de uma medalha”**, acredita o treinador. Perder de pouco, para Digenal, significa menos de dez gols de diferença (BRESSAN, 2000, p. 29, grifos meus).

Novamente a instituição escolar é acionada para representar a seleção. Tanto a frase “O handebol feminino brasileiro quer **passar do colegial** em sua primeira Olimpíada” (BRESSAN, 2000, p. 29, grifo meu) quanto a utilização de expressões, como “treinando contra equipes fortes”, “assimilar as lições dessas partidas”, “o próximo ‘treino’” (BRESSAN, 2000, p. 29), passam a ideia de aprendizagem e simultaneamente de preparação para o teste final, simbolizado pelo jogo a ser disputado pelas quartas de final. Tal representação figura no parágrafo final da reportagem:

Na segunda, a adversária será a Dinamarca, prata na Olimpíada. “Se perdermos por pouco para esses times, estaremos prontos para chegar até a disputa de uma medalha”, acredita o treinador. Perder de pouco, para Digenal, significa menos de dez gols de diferença. **Aí, quem sabe, o handebol brasileiro possa passar em seu vestibular** (BRESSAN, 2000, p. 29, grifo meu).

Na cobertura sobre o primeiro jogo, as matérias indicavam que a seleção não estava pronta para o “seu vestibular” e, assim, a metáfora da escola deixou de constar nas reportagens que relataram as partidas subsequentes (Áustria 45 x 26 Brasil; Noruega 30 x 16 Brasil; Dinamarca 39 x 26). Sua adversária nas quartas de final era a invicta Coreia do Sul, única seleção fora do circuito europeu a conquistar a primeira colocação em um Campeonato Mundial (1995) e em duas edições dos Jogos Olímpicos (1988, 1992). Ao noticiarem a disputa, as baixas expectativas que permeavam as matérias misturavam-se a um tom de esperança e de sonho, ficando evidente pelo uso de expressões como “Handebol sonha em

vencer coreanas”², “É improvável, mas não impossível”³, “Missão difícilima”⁴ e “Uma missão quase impossível”⁵.

Com o resultado de 35 x 24, a seleção amargava mais uma derrota e estava fora da disputa por medalhas. Após o insucesso diante da Coreia, novamente os elementos *estrutura* e *escola* são mobilizados pelo impresso Estadão para representar a seleção.

Handebol encara dura realidade – Sydney – O handebol feminino brasileiro não só foi **reprovado no seu vestibular**, como ainda terá de **voltar para o primário**. [...] Se ganhasse, a seleção já disputaria medalha em seus primeiros Jogos Olímpicos e poderia projetar o esporte, que no Brasil **nunca saiu do Colégio** (BRESSAN, 2000, p. 28, grifos meus).

A seleção ainda disputou outros dois jogos para definir a classificação final do torneio e encerrar sua primeira participação olímpica, contra a França, perdendo de 32 x 23, e Romênia por 38 x 33. Esses resultados fizeram com que o Brasil figurasse na 8^a posição ao final dos Jogos. Ainda assim, a primeira participação olímpica foi considerada positiva pela Folha de São Paulo quando refere: “Em sua primeira participação olímpica, a seleção feminina se superou e chegou às quartas de final, quando caiu diante da Coreia do Sul. **Chamou atenção para a modalidade**” (HANDEBOL, 2000, p. D8, grifo meu).

De fato, a seleção havia feito uma boa estreia. Não somente pelo feito de ter passado da primeira fase e ficado em oitavo lugar na classificação final, à frente da Angola e da Austrália, mas também por ter conquistado, na sua estreia olímpica, o melhor resultado entre as representantes do continente americano⁶.

Jogos Olímpicos de Atenas (2004)

Após 108 anos, a vigésima oitava edição dos Jogos Olímpicos voltou a ocorrer em seu país de origem, a Grécia. Diferente de sua primeira edição, na qual participaram 241 atletas homens representantes de quatorze países (COI, 2020), os Jogos de Atenas de 2004 – além de simbolizarem os primeiros Jogos do novo

² O Globo, 27 de setembro de 2000, p. 12.

³ O Globo, 27 de setembro de 2000, p. 12.

⁴ O Globo, 27 de setembro de 2000, p. 12.

⁵ Folha de São Paulo, 27 de setembro de 2000, p. D5.

⁶ Na trajetória das equipes americanas, o Brasil foi a terceira equipe participante do continente a figurar nos Jogos Olímpicos junto a EUA e Canadá. O Canadá, em sua estreia (1976), ficou em último na classificação geral e os EUA em penúltimo em sua estreia em 1984.

milênio, sendo transmitidos pela primeira vez via internet – contabilizaram a presença de 10.625 atletas (4.329 mulheres e 6.296 homens) de 201 nações (COI, 2020).

Nessa edição dos Jogos, o Brasil participou com 247 atletas (122 mulheres e 125 homens) para competir em 29 modalidades (ATENAS-2004, 2004). Depois da campanha inglória de Sydney, na qual não conquistaram nenhuma medalha de ouro, os Jogos de Atenas carregavam a expectativa de mudar essa perspectiva e até mesmo apagar o insucesso da edição anterior. A seleção de handebol protagonizava sua segunda participação olímpica e, dessa vez, dividia a atenção da mídia com a seleção dos homens, diferente do que aconteceu em Sydney, pelo fato de eles não terem se classificado para participar dos Jogos.

Assim como em 2000, a primeira partida do Brasil foi contra as donas da casa, agora, a Grécia. O jogo entre as duas equipes não foi visto com preocupação pelos impressos analisados. Suas narrativas enfatizavam uma seleção *motivada* e *confiante* que almejava “superar Sydney-00” (HANDEBOL, 2004, p. 3), “buscar um lugar melhor” (HANDEBOL FEMININO, 2004, p. 9) na classificação final e “se os adversários derem chance, conquistar uma medalha” (HANDEBOL FEMININO, 2004, p. 9), podendo, assim, *surpreender*.

A motivação e confiança destacadas pelos jornais eram justificadas pelos bons resultados que a seleção havia obtido nos amistosos preparatórios para os Jogos.

As jogadoras estão **confiantes**, ainda mais depois dos amistosos na França, com derrota por 2 gols para a campeã mundial França e para a vice, a Hungria, e vitória sobre a campeã olímpica Dinamarca (MENINAS..., 2004, p. E4, grifo meu).

O Brasil começa sua participação **motivado** pela vitória por 27 a 26 que obteve semana passada, sobre a Dinamarca, bicampeã olímpica. – Mostramos a **evolução** que estamos tendo e conseguimos muita **confiança** para o grupo (HANDEBOL FEMININO, 2004, p. 9, grifos meus).

Esses elementos representavam uma seleção que estava evoluindo, conquistando experiência e diminuindo sua diferença em relação às tradicionais equipes europeias. Após a confirmação da vitória contra a Grécia por 29 a 21, O Globo publicou uma notícia em um tom que exaltava a vitória brasileira.

Foi uma **ótima estreia** em Atenas. E o primeiro passo rumo à classificação. Com **defesas espetaculares** das goleiras Chana e Darly e uma **atuação brilhante** da pivô Daniela Piedade,

artilheira da partida com sete gols, as meninas do Brasil **golearam** a Grécia por 29 a 21 (14 a 8 no primeiro tempo) e **assumiram o primeiro lugar** na chave A ao lado da Hungria, prata em Sydney, que na preliminar derrotou a China por 28 a 24 (HANDEBOL FEMININO, 2004, p. 4, grifos meus).

De forma menos enaltecida, a Folha deu ênfase ao fato de que a vitória sobre as gregas configurava o primeiro triunfo da seleção sobre um time europeu nos Jogos Olímpicos. Para além disso, pontuou que “o resultado foi decisivo para as pretensões da equipe no torneio olímpico” (HANDEBOL FEMININO, 2004, p. 4), que era se classificar para a segunda fase e ir em busca de sua meta, “o 6º lugar” (MENINAS, 2004, p. E4).

Mesmo perdendo todos os demais jogos da primeira fase (Ucrânia 21 x 19 Brasil); (Hungria 35 x 26 Brasil); (China 28 x 23 Brasil), os jornais mantinham uma narrativa que reforçava a representação de uma seleção confiante, motivada e em evolução com chances de causar surpresa. Contra a Hungria, o Estadão publicou:

O Brasil teve uma grande oportunidade para passar na frente no marcador quando a partida estava empatada – com 10 gols para cada time –, mas desperdiçou o ataque e perdeu a chance de estabelecer a vantagem [...]. Embora tenham perdido duas partidas, **o Brasil tem mostrado competitividade em todos os jogos**, perdendo justamente nos erros (O HANDEBOL, 2004, p. E7, grifo meu).

O Globo, ao noticiar sobre o jogo contra a China, destacou:

Handebol – **Brasil na briga** – Perdemos a batalha mas não perdemos a guerra. As meninas do Brasil, que encerraram a fase de classificação com derrota para as chinesas por 28 a 23, ficaram em quarto lugar no grupo A e garantiram a vaga para a segunda etapa da competição, que começa hoje com um desafio nada fácil: o Brasil pega o forte time da Coreia primeiro colocado no grupo B. **“Apesar do favoritismo das coreanas, acredito eu podemos surpreender”**, disse a armadora Chicória (HANDEBOL, 2004, p. 8, grifos meu).

O jogo contra as chinesas e as expectativas sobre a disputa contra as coreanas também ganharam destaque no Estadão:

As meninas do handebol chegaram a ganhar o primeiro tempo por 13 a 11 e parecia até que conseguiriam derrotar a China. Alguns erros no início do segundo tempo levaram as chinesas à frente no marcador e o Brasil não reagiu mais e perdeu por 28 a 23 a última partida da fase de classificação do torneio olímpico. A seleção venceu um único jogo em quatro contra a Grécia, **e agora terá de enfrentar a Coreia, adversária com a qual**

não desejava cruzar na fase do mata-mata, na quinta-feira (FELIPPE, 2004, p. 49, grifo meu).

Classificadas para a segunda fase, novamente a seleção brasileira se via diante da Coreia do Sul em uma quarta de final olímpica. Cotadas como uma das favoritas ao ouro, o jogo contra esta seleção era visto como difícil, chegando a ganhar o *slogan* de “o jogo das nossas vidas” (HANDEBOL, 2004, p. 5). Assim como em Sydney (2000), as coreanas venceram (26 x 24) e o Brasil estava novamente fora da disputa de medalhas.

Mesmo diante do insucesso nessa disputa, a derrota por dois gols de diferença pode ser vista como representativa da evolução da seleção. A busca por esse resultado final ganhou evidência no impresso Globo.

Mesmo jogando bem, a seleção feminina de handebol foi derrotada pela Coreia do Sul nas quartas de final por 26 a 24 e terá de se contentar com a disputa do quinto lugar ao oitavo lugar. **O Brasil impôs uma forte reação no segundo tempo, quando conseguiu reduzir uma diferença de dez gols para dois gols.** Mas foi tarde demais. “O time terminou o jogo bem emocionalmente. **Foi muito importante reagir e encostar no placar** para a disputa do quinto lugar”, disse a armadora Chicória, destaque da seleção ontem. Amanhã, a equipe enfrenta a Hungria e, se perder, lutará pela sétima colocação (HANDEBOL, 2004, p. 8, grifos meus).

Apesar de não ter alcançado o sexto lugar na classificação final, como almejado no início do torneio, sua sétima colocação, uma acima dos Jogos de Sydney (2000), pode ser compreendida como uma forma de simbolizar a representação de uma seleção em crescimento e amadurecimento, como retratada nos jornais. Essa foi a representação mais recorrente nessa edição dos Jogos.

Jogos Olímpicos de Pequim (2008)

Sediada pela primeira vez na China, a vigésima nona edição dos Jogos Olímpicos aconteceu entre os dias 8 e 24 de agosto de 2008 e contou com a presença de 10.942 competidoras/es (4.637 mulheres e 6.305 homens) representantes de 204 países. Nesse evento, o Brasil enviou 277 atletas (133 mulheres e 144 homens) competindo em 32 modalidades (PEQUIM-2008, 2008).

Nessa edição, o handebol passou a ter doze equipes competidoras, duas a mais do que nos Jogos anteriores. Com esse novo quantitativo, ao fim da primeira fase, as duas equipes como os piores resultados em cada grupo seriam eliminadas em vez de uma, como vinha sendo até então. Como efeito dessa reformulação, vencer somente um jogo não seria suficiente para garantir a classificação para a próxima fase, trazendo ao torneio uma disputa muito acirrada. Dentro dessa nova configuração, a seleção cunhava a sua terceira participação nos Jogos Olímpicos.

As doze equipes competidoras foram divididas em Grupo A representado pelas seleções Angola, Cazaquistão, China, França, Noruega e Romênia e Grupo B representados pelas seleções da Alemanha, Brasil, Coreia do Sul, Hungria, Rússia e Suécia.

Integrante do grupo B, considerado o mais difícil (ALEMÃS..., 2008), o Brasil enfrentava, para além da quadra, uma nova demanda: a cobrança por resultados. Essa reivindicação estava pautada pela nova conjuntura que a seleção vivenciava, como identificamos em uma matéria veiculada pela Folha de São Paulo:

Alimentado por verba pública da Petrobrás desde 2003 e dinheiro da Lei Piva há sete anos, **o handebol enfrenta seu mais duro desafio**. Há cinco anos, quando conquistou patrocínio da estatal, o presidente da confederação, Manoel Luiz Oliveira, disse que o **país subiria ao pódio em Pequim** (ALEMÃS..., 2008, p. D4, grifos meus).

De forma discreta, é nesses Jogos que a seleção sofre sua primeira cobrança por resultados. À medida que a seleção ganhava um *status* mais profissional, as cobranças cresceram e ganharam detalhes. Os investimentos a que a imprensa se referia era a contratação, desde 2005, de um técnico estrangeiro (Juan Oliver), o incentivo para as atletas jogarem em times europeus (14 atletas dessa seleção atuavam em equipes da Europa), o apoio financeiro (todas as jogadoras recebiam Bolsa Atleta⁷), entre outros. De modo geral, esperava-se que com esses auxílios as atletas tivessem condições de se dedicar exclusivamente ao handebol e, em contrapartida, trariam bons resultados, justificando o investimento realizado na modalidade.

⁷ O Programa Bolsa Atleta, instaurado a partir da Lei nº 10.891 de 9 de julho de 2004, tem como objetivo financiar diretamente as/os atletas do país. O programa possui quatro categorias de Bolsa: Estudantil, Nacional, Internacional e Olímpico/Paralímpico (CAMARGO, 2016).

A narrativa do presidente da Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) gerou uma expectativa de medalha que não era compartilhada pelo técnico Juan Oliver, cuja opinião é expressa na mesma matéria:

Mas esse objetivo está longe de ser alcançado. Os técnicos da seleção masculina e feminina, ambos importados da Espanha, não acreditam nessa ascensão já. **“O objetivo é fazer bons jogos. Por enquanto, um pódio é utopia”**, disse Juan Coronado, técnico do feminino que estreia hoje, as 9h45, contra a Alemanha (ALEMÃS..., 2008, p. D4, grifos meus).

Diferente do que vinha ocorrendo nas edições anteriores (2000 e 2004), nas quais os impressos veiculavam uma narrativa mais otimista embasados pela motivação e confiança das atletas e da comissão técnica, em 2008 o que se viu foi um tom mais cauteloso e realista representado, principalmente, pelas falas do técnico, como visto no excerto acima. Em notícia publicada pelo Estadão após o jogo contra a Rússia, no qual a seleção perdeu por 28 a 19, há a seguinte menção:

A equipe brasileira esteve na frente durante boa parte do primeiro tempo e chegou ao intervalo perdendo por 12 a 10, mas o resultado não desanimou o técnico Juan Oliver, **que considerava a vitória das adversárias “normal” já antes de a partida começar** (CHINESAS, 2008, p. 77, grifo meu).

O modo como os jornais noticiaram a presença da seleção nos Jogos de Pequim em grande medida foi limitado à descrição dos resultados e de suas partidas. Vejamos:

A seleção brasileira feminina de handebol foi eliminada dos jogos ao perder para a Suécia por 25 a 22. As mulheres ficaram em quinto lugar no Grupo B, com cinco pontos (MULHERES..., 2008, p. 14).

A seleção brasileira feminina de handebol desperdiçou muitos ataques ontem e foi derrotada pela Suécia por 25 a 22. Assim, a equipe, que obteve só uma vitória, foi eliminada (HANDEBOL, 2008, p. D7).

No entanto, após perder duas partidas e empatar uma (Alemanha 24 x 22 Brasil; Hungria 28 x 28 Brasil; Rússia 28 x 19 Brasil), a equipe ganhou maior destaque no penúltimo jogo da fase de grupos, ao triunfar diante das coreanas que eram vice-campeãs em Atenas e haviam eliminado o Brasil em 2000 e 2004. A vitória foi assim noticiada:

Handebol feminino – Brasil vence Coreia do Sul com gol no último segundo – O Brasil teve a sua melhor atuação no handebol feminino e derrotou a Coreia do Sul por 33 a 32,

com gol de Ana Paula no último segundo. A armadora recebeu de costas para o gol, girou e bateu forte. **A vitória teve sabor de uma revanche**, porque, na segunda rodada, o Brasil vencida a Hungria por 28 a 27, mas cedeu o empate no último segundo. A equipe enfrenta a Suécia hoje, as 22h (HANDEBOL FEMININO, 2008, p. 8, grifos meus).

HANDEBOL - Vice-campeãs olímpicas são derrotadas pelas brasileiras – A seleção feminina de handebol deu um grande passo para se classificar à segunda fase do torneio olímpico. Na madrugada de ontem, o Brasil venceu a Coreia do Sul por 33 a 32 e ascendeu ao quarto posto no grupo B. **O resultado foi significativo porque a seleção nacional, que ainda não havia triunfado na competição, superou as vice campeãs olímpicas nos Jogos de Atenas-04.** A artilheira da equipe foi a ponta Alexandra, com nove gols. Pela Coreia do Sul, Hong Jeongho fez dez. Mas foi Ana Paula, autora do gol da vitória nos segundos finais, quem foi decisiva. Hoje, as 22h, a equipe brasileira enfrenta a Suécia, **teoricamente a mais fraca da chave.** Se vencer, pode até garantir a terceira colocação do grupo – quatro times avançam aos mata-mata (HANDEBOL, 2008, p. D7, grifos meus).

A vitória sobre a Coreia do Sul e o destaque para a seleção da Suécia, apontada como a mais fraca do grupo, levantava uma fagulha de esperança sobre o Brasil diante da possibilidade de avançar para as quartas de final. No entanto, a seleção não venceu a Suécia (25 x 22), e com uma vitória e um empate, totalizando cinco pontos, não foi classificada para seguir no torneio. Ao final, o Brasil amargou sua pior posição em Jogos Olímpicos, a 9ª posição geral.

Ao noticiar a eliminação do Brasil diante das suecas, O Globo destaca a fala do técnico Juan: “Não quero que todos pensem exclusivamente neste jogo. Quero que pensem sobre o que era o handebol brasileiro antes e o que representa hoje” (MULHERES..., 2008, p. 14).

A afirmação do técnico evidencia o processo de mudança que vinha acontecendo na seleção. Em função dos investimentos e da internacionalização das atletas, uma nova conjuntura estava posta para o handebol nacional, o que acabou por ressignificar os conteúdos e mesmo a representação da equipe nos impressos pesquisados. A metáfora da escola perde terreno para a menção a aspectos relacionados à profissionalização e a maior estruturação da modalidade. Em função disso, a eliminação pela Suécia, depois de uma vitória inédita e acirrada sobre a Coreia, tornou-se uma notícia praticamente indigesta. A mídia esperava mais e faz circular essa representação.

Jogos Olímpicos de Londres (2012)

A trigésima edição dos Jogos Olímpicos foi realizada entre os dias 27 de julho e 12 de agosto na cidade de Londres, Reino Unido. Destacado pela mídia como a edição mais feminina da história dos Jogos, o evento foi visto como importante na consolidação da presença da mulher no ambiente esportivo (FIRMINO; VENTURA, 2013).

Em Londres, as mulheres representaram 44% do total de atletas participantes dos Jogos Olímpicos e 35,4% dos Jogos Paraolímpicos, caracterizando-se como os maiores percentuais registrados até então. Agrega-se a esse dado as constatações de que todos os 204 países participantes dos Jogos Olímpicos tinham atletas de ambos os sexos em suas delegações e de que o número de medalhas conquistadas pelas mulheres em ambas as competições alavancou a posição de alguns países no quadro final de classificação (GOELLNER, 2012, p. 72).

Essa conquista histórica das mulheres não refletia as expectativas do Comitê Olímpico Internacional (COI) de atingir uma equidade de gênero entre as/os competidoras/es. Com 10.568 atletas representando 204 nações (LONDRES-2012, 2012), as mulheres se aproximaram desse percentual, mas não o alcançaram.

Para os Jogos de Londres, houve um intenso investimento por parte do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) na preparação e suporte dos 259 atletas (123 mulheres e 136 homens) que defenderiam o Brasil em 27 modalidades (LONDRES-2012, 2012). Só para se ter uma ideia, o Comitê Olímpico Brasileiro arrecadou durante o ciclo olímpico de Londres (2009-2012) um total de 677,1 milhões de reais. Desse montante, 250,3 milhões foram repassados para as Confederações esportivas (TEIXEIRA; MATIAS; MASCARENHAS, 2017).

Dentro desse contexto, a seleção embarcava para sua quarta participação nos Jogos Olímpicos. Em Londres, assim como em Sydney, a seleção era a única representante da modalidade, uma vez que os homens não conseguiram assegurar sua classificação.

Essa edição dos Jogos foi aquela na qual a seleção teve a maior visibilidade nos jornais analisados, computando, inclusive, o recorde de menções⁸ (QUADRO 2, p.4). O interesse da mídia estava associado ao resultado que a equipe brasileira havia obtido no Campeonato Mundial de Handebol de 2011, ocorrido no Brasil,

⁸ Foram contabilizadas um total de: 54 em 2000; 49 em 2004; 29 em 2008; 55 em 2012; e 46 em 2016.

no qual ficou em quinto lugar na classificação geral, gerando expectativas de uma potencial medalha em Londres.

Depois do mundial, a seleção feminina obteve bons resultados. Na fase de preparação olímpica, o Brasil, que garantiu vaga para Londres com a medalha de ouro no Pan-Americano de Guadalajara, disputou 15 amistosos - venceu 13 (contra seleções como Holanda, Alemanha, Cuba, Coreia do Sul, Suécia, Grã-Bretanha, entre outras). E empatou 2, ambos contra a Noruega, maior potência da atualidade e atual campeã mundial. “Estamos evoluindo passo a passo e acredito que nossa equipe pode brigar com as melhores do mundo durante a Olimpíada”. **O bom desempenho e a preparação forte que o Brasil fez está dando o direito de as meninas sonharem com a medalha** (FAVERO, 2012, p.49, grifo meu).

Seleções femininas começam hoje sua participação olímpica. Motivada pelo técnico dinamarquês Morten Soubak, equipe de handebol enfrenta a Croácia **e sonha conquistar medalha, após terminar em quinto no último mundial** (RODRIGUES, 2012, p. 2, grifo meu).

Se nos Jogos de Sydney e Atenas a narrativa esperançosa estava baseada em uma perspectiva de “a seleção pode surpreender”, nos Jogos de Londres a esta narrativa é acrescida a materialidade a partir dos resultados apresentados pela equipe. O elemento *escola* é novamente acionado para chamar a atenção na forma como a modalidade se estruturava nacionalmente.

Se o favoritismo para a conquista da medalha de ouro do handebol nas Olimpíadas de Londres fosse medido pela quantidade de praticantes nas escolas, a seleção brasileira feminina poderia até marcar na agenda a data para festejar: 11 de agosto. O problema é que a modalidade ainda **precisa pular os muros dos colégios** (RODRIGUES, 2012, p. 2, grifo meu).

Ao analisar a associação do handebol ao esporte escolar, Emerson Saint’Clair evidência:

Não vemos escolinhas, clubes, associações e/ou programas de handebol semeados pelo país, comparado a outras modalidades esportivas coletivas, tais como futebol, voleibol e basquetebol. Isso reforça a nossa compreensão de que a trajetória do handebol é marcada preponderantemente pela escola e – por que não? – para a escola (SAINT’CLAIR, 2018, p. 76).

Para Jorge Luiz Rodrigues (2012), autor da matéria supracitada, a modalidade é a melhor referência do descaso esportivo no Brasil pela falta de uma

política nacional de esportes. Para contrapor a representação do *handebol escolar*, os impressos acionam a internacionalização da seleção.

No entanto, a quinta colocada no último Mundial, disputado em dezembro passado, em São Paulo, também é a **prova de que o futuro é fora do país**: 13 das 14 jogadoras atuam na Europa, sendo oito delas em um clube austríaco, o Hypo. **Evoluiu com as experiências fora no exterior**, mas o cenário nacional é desanimador: a liga nacional tem apenas oito clubes (RODRIGUES, 2012, p. 2, grifos meus).

Claro que não é só por causa dele [Morten] que a **modalidade evoluiu** no Brasil nos últimos anos. Além de planejamento da confederação, **muitas atletas foram atuar na Europa**. “Atualmente, as brasileiras atuam em equipes grandes e são titulares. Não estão lá apenas para formar o grupo”, diz. Segundo ele, as atletas têm uma característica comum que deixa a seleção com muita raça. “Não é a altura que faz diferença, não é o físico... Acho que criamos um perfil de atletas guerreiras e vamos até o fim com isso” (FAVERO, 2012, p. 51, grifos meus).

Duda, que está com 25 anos e atua como armadora-esquerda. **Para tentar se aperfeiçoar ainda mais no handebol, a menina deixou o Brasil** com apenas 19 anos e foi jogar na Hungria. Atuar no exterior deu muita experiência a ela, que hoje consegue unir força e habilidade (FAVERO, 2012, p. 50, grifo meu).

A referência à internacionalização da seleção, como requisito essencial para o desenvolvimento da modalidade, ganhava destaque. O contato das atletas com o handebol praticado em países com maior *expertise*⁹, colaborou para que a seleção fosse representada nos impressos como mais madura, experiente e guerreira.

Uma novidade aparece na cobertura que os jornais fizeram nessa edição: matérias fazendo menção às histórias de vida de algumas atletas também integraram a narrativa jornalística.

O dinamarquês cita o fato de **Jessica Quintino** ser a única das 14 convocadas a jogar no país, no Adblu, de Santa Catarina. **A ala esquerda começou as 8 anos numa escola**. Mês passado, a beque **Ana Paula Rodrigues**, uma das oito selecionáveis do Hypo, emocionou-se ao visitar, com a seleção, o colégio Alberto Pinheiro, de São Luís (MA), **onde começara no handebol, aos 13 anos**. – As dificuldades que um atleta tem para chegar

⁹ Equipes europeias em que as atletas brasileiras estavam atuando no ano de 2012: Fehervar FKC, Gyor Audi ETO, Vaci NKSE (Hungria); HC Odense (Dinamarca); MKS Zagłębie Lubin (Polônia); Bucarest (Romênia); Bietgheim (Alemanha); OGC Nice (França).

aonde sonha são muito grandes. É muito difícil seguir carreira no esporte. Às vezes, tem muito atleta com talento que deixa de jogar por falta de oportunidade - conta **Ana Paula, que com 14 anos, foi contratada para jogar em Blumenau (SC)**, após se destacar no Campeonato Brasileiro de Seleções, representando o Maranhão. [...] A exemplo da seleção, a goleira e capitã **Chana disputa sua quarta edição olímpica**. Havia se despedido, mas voltou para realizar o sonho de trabalhar com Soubak (RODRIGUES, 2012, p. 2, grifos meus).

Duda Amorim tem sido uma das principais jogadoras da seleção feminina de handebol na brilhante campanha até o momento nos Jogos de Londres. Hoje, as 12h15, ela estará em quadra novamente para enfrentar a Rússia, e contará com uma torcedora muito especial assistindo à partida no Brasil: **sua irmã Ana**, que também atuou em uma edição da Olimpíada, em Atenas (2004). **“Eu comecei a jogar por causa dela”**, confessa Duda. Três anos mais velha, Ana trabalha em uma padaria da família em Blumenau, em Santa Catarina. Ela não conseguiu pegar a grande fase da seleção feminina, que começou nos últimos anos e alcançou seu auge neste momento, com uma invencibilidade de 21 partidas e com vitórias diante das equipes mais poderosas do mundo. **“Nós jogamos pouco tempo juntas”**, explica Duda. **“Agora, estou realizando o sonho dela e continuando sua história na seleção, que é bem parecida com a minha. E ela está acompanhando tudo de perto”** (FAVERO, 2012, p. 50, grifos meus).

A inclusão de temas afetos à vida das jogadoras se apresentava como algo novo no modo de representar a seleção de handebol. Ao trazer elementos de suas trajetórias, os impressos destacam alguns dos obstáculos enfrentados pelas atletas, assim como sacrifícios realizados para se manterem no esporte. Para Alexandre Domingues (2006), a mídia impressa se utiliza de histórias de vida para relatar dificuldades e superações vivenciadas pelas/os atletas no intuito de criar uma narrativa sentimental e emotiva envolvendo o esporte. Nesse sentido, me permito assinalar que o fato de exibir nomes e histórias de algumas jogadoras da seleção possibilita estabelecer uma proximidade entre a seleção a suas/seus torcedoras/es.

Perante o exposto, a seleção brasileira de handebol nos Jogos de Londres passa a ser representada como uma equipe *experiente, madura e profissional*. Essa nova representação, diferente das anteriores, ao mesmo tempo que a afasta das condições vivenciadas pelo handebol nacional, a aproxima do handebol europeu.

Essa situação se evidencia na referência à metáfora do *handebol escola* que passa a ser acionada para representar a forma de existir a modalidade no Brasil e

não mais a seleção. Por fim, fazendo uso dessa metáfora, é possível dizer que, nos Jogos de Londres, a seleção já se formou na escola e está realizando alguns intercâmbios nas melhores equipes da Europa.

Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (2016)

Sediados pela primeira vez na América do Sul, a trigésima primeira edição dos Jogos Olímpicos ocorreu entre os dias 5 e 21 de agosto na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Após a sexta colocação nos Jogos de Londres e a conquista da medalha de ouro no Campeonato Mundial da Sérvia, em 2013, a seleção brasileira de handebol era vista como uma das favoritas ao pódio olímpico (NOVA VITÓRIA..., 2016).

Mesmo diante de resultados sólidos e o *status* de favorita à medalha olímpica, a seleção não obteve o mesmo espaço midiático comparado à edição anterior, em Londres. Com um número reduzido de matérias (16), o discurso recorrente reforçava o sonho da conquista de uma medalha, o que significava dentro do retrospecto da seleção, o melhor momento para conquistá-la.

A história do handebol feminino no Brasil mudou após o dia 22 de dezembro de 2013, quando a seleção conquistou de forma invicta o título mundial diante da Sérvia, em plena Belgrado. Desde então, e com proximidade dos Jogos em casa, **a modalidade passou a sonhar com um passo ainda maior: a inédita medalha olímpica.** Sonho que pode começar a se materializar hoje, na estreia pelo Grupo A do Rio-2016, as 9h30m, na Arena do Futuro, no Parque Olímpico da Barra da Tijuca [...] Em Londres, faltava-nos mais experiência para saber o que fazer para levar o jogo cadenciado até o fim. **Acredito que temos tudo de que precisamos para jogar uma Olimpíada em casa.** Agora precisamos colocar em prática na quadra [...] sonhar não é proibido (MULHERES..., 2016, p. 17, grifos meus).

É nesse cenário que emerge a tentativa de produzir a primeira “ídola” da modalidade, fomentada sobretudo pelo O Globo. A atleta Ana Paula Rodrigues ganhou destaque em duas reportagens: “Ana Paula comanda a vitória do Brasil na estreia no handebol”¹⁰ e “Sob o comando de Ana Paula”¹¹. Esse fato também foi evidenciado nos estudos de Emerson Saint’Clair (2018) ao analisar os significados construídos pelos impressos O Globo e Lance! sobre o handebol durante os Jogos do Rio 2016.

¹⁰ O Globo, 7 de agosto de 2016, p. 5.

¹¹ O Globo, 9 de agosto de 2016, p. 13.

A equipe feminina, mais consolidada e com mais experiência exibía seu primeiro ídolo, a atleta Ana Paula. A análise de seu desempenho, com ênfase na alta performance da jogadoras, é quantificada com seis gols precisos e enaltecida pelo torcida que delira e comunga com ela o sonho do ouro olímpico (SAINT'CLAIR, 2018, p. 51).

Fátima Maria Pilotto (2003), em seu texto “A fabricação dos ídolos esportivos”, assinala que, na maioria das vezes, um

ídolo é apresentado ao público como alguém que tem um dom individual: tudo decorre de um mérito e de uma competência que lhes são próprias, como se não existissem relações de poder, como se houvesse uma disposição genética que só permitisse que se torne ídolo quem é dotado de um atributo especial para sê-lo (PILOTTO, 2003, p. 7).

Partindo desse entendimento, me parece que a escolha por Ana Paula estava associada aos seus feitos em quadra, como mencionado na reportagem após o jogo contra a Romênia, o qual a seleção venceu por 26 a 13. “O grande destaque da partida foi Ana Paula, com **oito gols**” (NOVA VITÓRIA..., 2016, p. 13), “Após marcar **12 gols** na vitória do Brasil diante da Noruega [...] Ana Paula Rodrigues Belo” (ANA PAULA..., 2016, p. 5). Para além da visibilidade nas vitórias, a jogadora também é acionada na derrota, como veiculado pela Folha: “Com mais foco, as holandesas travaram a central Ana Paula Rodrigues, que não conseguiu jogar” (MULHERES..., 2016, p. B4). Infelizmente a construção da primeira ídola da modalidade foi interrompida justamente na derrota para a Holanda por 32 a 23 nas quartas de final. Com o Brasil fora da disputa de medalhas, não houve mais nenhuma reportagem que referisse a seleção.

Para Emerson Saint'Clair: “O handebol, sem ídolos, ocupa posição irrelevante nas preferências e gostos de crianças e jovens. É irrelevante o consumo de objetos ou serviços que simbolizam a incorporação dos handebolistas mais famosos em nossa sociedade” (SAINT'CLAIR, 2018, p. 59).

O argumento do autor menciona um aspecto relevante para refletir sobre a formação de novas atletas. Considerando que a seleção nacional é formada basicamente por jogadoras que atuam no handebol europeu¹², sua vinculação como ídolas nacionais fica restrita, já que não atuam em campeonatos nacionais

¹² Nos Jogos Olímpicos do Rio, 15 entre as 17 jogadoras atuavam na Europa.

e só ganham visibilidade na mídia em eventos internacionais, os quais raramente são noticiados.

Diante do exposto, as narrativas veiculadas pelos impressos durante os Jogos do Rio mantiveram a representação de uma seleção madura, experiente e consolidada no cenário internacional. Essa representação possibilitou que os impressos elegessem uma atleta para alçá-la à condição de ídola, uma jogadora capaz de representar o selecionado nacional e, simultaneamente, criar representatividade.

Considerações finais

Ao analisar as representações produzidas pelos jornais Globo, Estadão e Folha sobre a seleção brasileira de handebol ao longo de suas participações nos Jogos Olímpicos, pude perceber alguns padrões nas narrativas jornalísticas que se repetem ao longo das cinco edições analisadas, sendo assinaladas por pequenas mudanças que acompanharam o desenvolvimento da modalidade.

Nos Jogos Olímpicos de Sydney e de Atenas, as narrativas evidenciam uma seleção que apesar de as atletas vivenciarem uma modalidade estruturalmente amadora, com baixos investimentos e com pouca experiência intercontinental se apresentavam confiantes, sonhadoras e com a expectativa de surpreender. Para construir essa representação, os jornais frequentemente comparavam o handebol da seleção com o *vivenciado na escola*, cujos processos de aprendizagem estão em constante desenvolvimento.

Nos Jogos de Pequim, a seleção mostrava uma grande novidade. Com quatorze atletas – das dezesseis convocadas – atuando no handebol europeu, um técnico estrangeiro e investimento consolidado, a equipe brasileira estava vivenciando uma conjuntura totalmente diferente quando comparada às edições anteriores. Essa mudança refletiu na forma como os jornais representaram a seleção. Com uma narrativa mais cautelosa, objetiva, realista e sem espaço para a fala das atletas, a imagem que é mencionada diz respeito a uma equipe em transição sobre a qual começam a aparecer as primeiras cobranças. Nesse contexto, a representação que se constrói da seleção é de uma equipe que está em transição, em desenvolvimento e qualificando-se.

Nos Jogos de Londres, a seleção ganha espaço e visibilidade nos impressos, que além de descreverem sua participação nas diferentes fases do torneio,

agregam a suas narrativas aspectos mais subjetivos, como por exemplo, a alusão à trajetória das jogadoras. Nesses Jogos, novamente são acionados alguns aspectos relacionados ao handebol escolar, nesse momento, usados para evidenciar a estruturação da modalidade no contexto nacional, uma vez que a seleção passa a ser representada como uma equipe madura, experiente e profissional, aspectos que se relacionam ao contexto em que as jogadoras atuam no handebol europeu.

Já nos Jogos do Rio de Janeiro, o espaço concedido pelos impressos pesquisados para a cobertura do selecionado nacional cai quase pela metade em comparação à edição anterior. As matérias destacam a performance do grupo e acionam a expectativa de concretização do sonho olímpico em uma competição realizada em casa. Nessa edição dos Jogos, para além de colocarem em circulação a representação de uma seleção já consolidada, experiente, madura e profissional, as narrativas abrem espaço para o surgimento da primeira ídola da modalidade, o que não se efetivou em função da desclassificação precoce da equipe. Ou seja, a ídola só seria alçada a esse posto caso os resultados fossem mais positivos.

Referências

ALEMÃS são rivais na estreia do handebol. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. D4, 9 de agosto de 2008. Folha de Pequim.

AMARO, F. **Mídia, Esporte e Idolatria**: o Jornal do Brasil e a representações dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos. 2014. 249 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014a.

AMARO, F. O Jornal do Brasil e a representação dos atletas brasileiros nos jogos Olímpicos: notas de uma pesquisa. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [s/l], v. 11, n. 2, p. 472-483, jul./dez. 2014b.

ANA PAULA comanda a vitória do Brasil. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 5, 7 de agosto de 2016. Esportes.

ANDRES, S S. **Mulheres e Handebol no Rio Grande do Sul**: narrativas sobre o processo de profissionalização da modalidade e das atletas. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/109978> Acesso em: 19 Abr. 2024.

ATENAS-2004. **Rede Nacional do Esporte**, 2004. Disponível em: <http://rededoesporte.gov.br/pt-br/megaeventos/olimpiadas/o-brasil-nos-jogos/atenas2004>. Acesso em: 1 nov. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BETTI, M. Esporte na mídia ou esporte da mídia?. **Motrivivência**. Florianópolis, n. 17. p. 1-3, 2001.

BETTI, M. Esporte, televisão e espetáculo: o caso da TV a cabo. **Conexões: educação, esporte e saúde**, Campinas, n. 3, p. 74-91, 1999.

BOSCHILIA, B; MEURER, S S. Refletindo sobre a participação da mulher no esporte moderno: algumas relações entre gênero e mídia impressa. **Revista Digital Leituras: Educação Física e Esportes**, Buenos Aires, ano 11, n. 97, jun. 2006.

BOURDIEU, P. Os jogos Olímpicos. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão: A influência do jornalismo e os jogos olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zelar Editor, 1997. p. 120-128.

BRASILEIRAS DERROTAM as donas da casa no handebol. **O Globo**. Rio de Janeiro. p. 16, 18 de setembro de 2000. Esportes.

BRESSAN, S. Handebol encara dura realidade. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 28, 29 de setembro de 2000. Esportes.

BRESSAN, S. Handebol quer mais divulgação. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 29, 22 de setembro de 2000. Esportes.

CAFEO, M R G. **Guerreiras e meninas**: análises das representações das atletas olímpicas na cobertura da “Rio 2016” realizada pelo jornal O Globo Rio. 2019. 265 f Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2019.

CHINESAS – apesar de um começo animador. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 14, 18 de agosto de 2008. Esportes.

COI – COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **ATHENS 1896**. Disponível em: <https://www.olympic.org/athens-1896>. Acesso em: 3 out. 2020.

COI – COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **ATHENS 2004**. Disponível em: <https://www.olympic.org/athens-2004>. Acesso em: 03 out. 2020.

DOMINGUES, A. **Jornalismo Esportivo**: Uma análise sociológica do caderno Atenas 2004 do jornal Folha de São Paulo. 2006. 312 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

FAVERO, P. Equipe do Brasil mostra maturidade. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 51, 1 de agosto de 2012. Esportes.

FAVERO, P. Para técnico, Brasil briga por medalhas. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 49, 25 de julho de 2012. Esportes.

FAVERO, P. Russas desafiam o encanto das brasileiras. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 50, 3 de agosto de 2012. Esportes.

FELIPPE, H. Handebol perde e vai com a Coreia para o mata-mata. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. 49, 24 de agosto de 2004. Esportes.

FELIPPE, H. Handebol vence falta de estrutura. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 35, 16 de setembro de 2000. Folha Sydney.

GABRIEL, B J. **A cobertura acerca da seleção brasileira de futebol feminino realizada pelo caderno de esportes da Folha de S. Paulo (1991-2011)**. 2015. 252 f Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas). – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

GOELLNER, S V. Mulheres e esporte: Sobre conquistas e desafios. *In*: BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Edição Especial da **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, Ano IV, n. 6, p. 72-74, 2012.

HANDEBOL – Brasil enfrenta Coreia do Sul em quartas de final. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 5, 24 de agosto de 2004. Folha de Atenas.

HANDEBOL – Brasil na briga. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 8, 26 de agosto de 2004. Esportes.

HANDEBOL – Brasil reage tarde e perde da Coreia. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 8, 27 de agosto de 2004. Esportes.

HANDEBOL – Brasileiras querem superar Sydney-00. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 3, 15 de agosto de 2004. Folha Atenas.

HANDEBOL – derrota elimina feminino. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. D7, 17 de agosto de 2008. Folha de Atenas.

HANDEBOL FEMININO – Brasil vence Coreia do Sul com gol no último segundo. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 8, 16 de agosto de 2008. Esportes.

HANDEBOL FEMININO – de olho na Ucrânia. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 4, 18 de agosto de 2004. Esportes.

HANDEBOL FEMININO – Sonho de evoluir começa contra as anfitriãs. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 9, 15 de agosto de 2004. Esportes.

HANDEBOL FEMININO – Vice-campeãs olímpicas são derrotadas pelas brasileiras. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. D7, 16 de agosto de 2008. Folha de Atenas.

HANDEBOL. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. D8, 1 de outubro de 2000. Folha Sydney.

LONDRES-2012. **Rede Nacional do Esporte**, 2012. Disponível em: <http://rededoesporte.gov.br/pt-br/megaeventos/olimpiadas/o-brasil-nos-jogos/londres-2012/londres-2012>. Acesso em: 1 nov. 2020.

MALULY, L.V.B; ROMÃO, G.A.R. Um jornalismo para massificação do esporte no Brasil: estudo exploratório sobre cinco modalidades olímpicas. **Leituras do Jornalismo**, [s/l] v. 2, n. 4, p. 64-92, jul./dez. 2015.

MENINAS do handebol estreiam contra a Grécia. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. E4, 15 de agosto de 2004. Esportes.

MENINAS DO HANDEBOL sofrem primeira derrota. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 10. 22 de setembro de 2000. Esportes

MOURÃO, L; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino – o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 72-86, jan. 2005.

MULHERES do handebol estreiam. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 17, 6 de agosto de 2016. Esportes.

MULHERES fora do handebol. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 14, 18 de agosto de 2008. Esportes.

MULHERES fora no handebol. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 8, 26 de agosto de 2004. Esportes.

MULHERES tem dia ruim em outras modalidades. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. B4, 17 de agosto de 2016. Folha Rio.

NOVA VITÓRIA, novo show no handebol. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 13, 9 de agosto de 2016. Esportes.

O HANDEBOL chegou lá. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, p. E7, 22 de agosto de 2004. Esportes.

PEQUIM-2008. **Rede Nacional do Esporte**, 2008. Disponível em: <http://rededoesporte.gov.br/pt-br/megaeventos/olimpiadas/o-brasil-nos-jogos/pequim>. Acesso em: 1 nov. 2020.

PILOTTO, F.M. A fabricação de ídolos esportivos. **Revista Brasileira de Educação**. ANPED, n. 23, maio/jun/jul, p. 1-17, 2003.

RODRIGUES, J.L. As meninas do Brasil – As mulheres em grande dia. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 2, 28 de julho de 2012. Esportes.

ROMERO, E. *et al.* Fotos e legendas na mídia esportiva: o caso das atletas **SALUSVITA**, Bauru, v. 33, n. 3, p. 285-308, 2014.

SAINT'CLAIR, E.M. **Percepções do handebol no campo esportivo brasileiro**: entre conquistas e desafios, 2018. 193 f. Tese (Doutorado em Aspectos biopsicossociais do Esporte) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SALVINI, L; MARCHI JUNIOR, W. Registros do futebol feminino na revista placar: 30 anos de registro. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 28, n. 49, p. 99-113, dez. 2016.

SYDNEY-2000. **Rede Nacional do Esporte**, 2000. Disponível em: <http://rededoesporte.gov.br/pt-br/megaeventos/olimpiadas/o-brasil-nos-jogos/sydney>. Acesso em: 1 nov. 2020.

TABELÃO OLÍMPICO. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 2, 17 de setembro de 2000. Esportes.

TEIXEIRA, M.R; MATIAS, W.B; MASCARENHAS, F. O esporte olímpico no Brasil: recursos financeiros disponibilizados para Olimpíadas Londres 2012. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 39, n. 3, p. 284-290, 2017.

TIME TENTA vitória que pode valer a vaga. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. D5, 16 de setembro de 2000. Folha Sydney.